

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA - ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO -
RETROSPETIVA MOCKUMENTARY
7 e 9 de maio de 2026

DICK JOHNSON IS DEAD / 2020

(“*Dick Johnson Morreu*”)

Um filme de Kirsten Johnson

Realização: Kirsten Johnson / *Direção de Fotografia:* John Foster, J. P. Wakayama / *Montagem:* Nels Bangerter / *Produção:* Katy Chevigny, Kirsten Johnson, Marilyn Ness / *Coprodução:* Maureen A. Ryan, James Louis (desenvolvimento) / *Produção Associada:* Simon Mendes / *Produção Executiva:* Megan Ellison, Jonathan Taylor, Jason Spingarn-Koff / *Música:* Hiromi Nishida, Hitomi Shimizu / *Direção de Casting:* Matthew Maisto / *Design de Produção:* Nathan Fisher, Markus Kirschner / *Direção Artística:* Jane Ji, John Lavin / *Guarda-roupa:* William Mellette / *Participações:* Michael Hillow, Ana Hoffman, Dick Johnson, Kirsten Johnson, Chad Knorr, Kevin Loreque, Vasthy Mompoin, Mary Page Nance, Ira Sachs, Nicole Tio / *Cópia:* DCP, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de janeiro de 2020, Sundance Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Com a presença de Kirsten Johnson na sessão do dia 9 de maio.

Talvez o aspeto mais comovente e revelador deste filme – digo revelador também no sentido em que não nos é dado a ver *imediatamente* – radique no facto de ser, ao mesmo tempo, uma obra leve sobre a morte e profunda sobre a vida e o amor. É este último o principal motivo que fez de Dick Johnson o principal assunto da sua terceira longa-metragem documental para cinema assinada pela experiente “cameraperson”, com mais de cinquenta entradas no IMDb enquanto diretora de fotografia sobretudo no campo do documentário, Kirsten Johnson. Quatro anos depois do seu filme-ensaio autorreflexivo, precisamente intitulado **Cameraperson** (2016), Johnson produz uma inflexão radical e opta pela comédia. No entanto, como a própria explica em entrevista publicada *online* (concedida a Kristy Matheson, do Australian Centre of Moving Image, disponível no YouTube desde 12 de julho de 2021), “Eu queria fazer um filme cómico para ele [Dick Johnson]. Mas tornou-se crescentemente não cómico.” O “não cómico” não se prende de todo com a premissa do filme, relativa a um renovado jogo com a morte que tem o pai, um psiquiatra acabado de se reformar, como principal cúmplice e protagonista, mas com o facto de este padecer de demência, algo que vai tomando conta – e condicionando – o tom airoso que a obra assume ao início.

Nessa mesma entrevista, Johnson conta que decidiu ver com o pai **Harold and Maude** (1971), obra de Hal Ashby sobre a relação improvável entre um jovem imberbe e uma mulher com idade para ser sua avó. Ele tem uma relação obsessiva com a morte, fantasiando com o seu próprio suicídio vezes sem conta, e ela adora viver como pouca gente. Não se pode dizer que Kirsten e Dick, filha e pai, sejam émulos diretos de Maude e Harold, pois este homem que teve de ouvir e suportar tanto sofrimento não só na qualidade de psiquiatra mas recentemente até na sua vida familiar, com a morte da amada mulher, mãe de Kirsten, “perdida” para a demência, tem como característica principal o sorriso, a bonomia e uma *joie de vivre* contagiante. Kirsten é uma realizadora e diretora de fotografia com muito mundo – formada em Paris, viajou até aos quatro cantos do mundo, filmando em cenários de crise, muitas vezes colocando-se em risco de vida – que, por força do seu trajeto de vida e profissional, sabe relativizar as agruras da existência. Ambos têm sorriso fácil e um sentido de humor assaz especial. Portanto, onde está “o Harold” neste filme? Sou tentado a responder: no “entre”, ou melhor, na relação que se desenvolve a partir deste projeto e que

passa por encarar a morte de frente, trocar-lhe as voltas, transformando a proverbial e, por vezes, maldita associação entre documentário e verdade num motivo para “o gozo”.

Se Dick vai morrer – mas não vamos todos? –, Kirsten quer estar lá para o abraçar, só que... vivo. **Dick Johnson is Dead** – nomeadamente nos seus minutos finais – torna explícito esse desejo, que podemos relacionar com o processo lutuoso, de abraçar a pessoa que amamos após ou durante o seu próprio funeral. Há muito *role play* e um típico dispositivo, algo *documentiroso*, de encenar uma inevitabilidade ou fazê-lo, de maneira assaz burlesca, dentro de um modelo narrativo “what if?”, caro a cineastas como Peter Watkins ou Kevin Brownlow: e se Dick, enfim, morresse “assim ou assado”? É como se a realizadora respondesse: não sabendo nós ao certo como decorrerá de facto essa morte, e há um filme a rodar, tente-se, então, encenar esse “assim” e esse “assado”, quer dizer, todos os “assins e assados” que consigamos imaginar. E, aspeto fundamental para o sucesso deste filme, se Dick Johnson vai morrer, quer dizer, e por ora, apenas para a câmara de Kirsten Johnson, que o faça “with a bang”, quer dizer, com notável estrondo, de maneira quase “hollywoodesca”. Kirsten Johnson não se acanha aqui, tirando partido do sentido de humor partilhado com o pai, ao matá-lo várias vezes para o trazer de volta logo a seguir. Não espanta que a pergunta de partida de toda esta aventura tenha sido, segundo a própria: “Posso eu ser irreverente com o tempo, com a vida e a morte?”

Não é Dick quem verdadeiramente é rasteirado ou tropeça e cai das escadas abaixo, mas, mais do que ele, o formato habitual do documentário ou as calcificadíssimas noções de cine-verdade. Como confidenciou ao *The Guardian*, num artigo significativamente intitulado «‘I want to break cinema’: is Dick Johnson Is Dead the most radical film of 2020?», publicado em 29 de setembro de 2020, com assinatura de Charles Bramesco, Kirsten quer “quebrar o cinema”, quer “puxá-lo até ele [lhe] dar algo que é impossível”. Por isso, Kirsten empurra o seu documentário para o estúdio, “documenta” a entrada do pai no “Paraíso”, onde os desejos se realizam (encenam e reencenam) à sua frente. Até os seus pesadelos, associados à demência, são objeto da *poiesis* desconstrutora ou reconstrutora de Kirsten Johnson.

Sabe a vingança relativamente ao seu trabalho como diretora de fotografia, ao serviço de alguns dos principais nomes do cinema de estilo “observacional”, tais como Laura Poitras (**The Oath** [2010], **Citizenfour** [2014] e **Risk** [2016]). Porque verdadeiramente a única entidade que é atirada pelas escadas abaixo é mesmo o documentário em sentido tradicional. Pumba e lá vai ele. Como se lê nalgumas sinopses, este filme encena a entrada da fantasia no documentário. Da fantasia e, quero reforçar, do humor. A dado momento, conta Kirsten que o primeiro filme visto em sala na companhia de seu pai foi **Young Frankenstein** (1974), e, de facto, se for possível estender a referência já dada de Hal Ashby e esta de Mel Brooks ao campo do documentário podemos dizer que, sim, está encontrado o esqueleto cinéfilo deste projeto. Na verdade, o efeito de surpresa é constante, por forma a tornar a vida no grande *twist* desta fantasia documental “obcecada” com a morte (porventura, é isso: o filme é como se Harold e Maude alternassem no lugar de realizadores de um filme sobre o luto e o amor pai-filha). A conclusão, neste particular, pode ser sentida como um turbilhão de emoções, momento em que o jogo culmina no seu máximo momento patético (no sentido eisensteiniano do termo): os atores choram de verdade uma morte verdadeira ou, pelo contrário, a morte é falsa e eles não sabem, mas... como pode Kirsten pregar uma partida destas, como pode ela ousar tamanha – para usar uma palavra por si invocada – “irreverência”? É o cinema – este documentário *trapaceado* – que prega partidas, nele havendo muitos “tricks” e alguns calorosos “treats”. Ao mesmo tempo, porque tudo está bem quando acaba bem, apetece dizer que se no final a vida e o amor – sempre estes dois, em par – vencem e dão a volta às nossas piores expectativas, então a realizadora pode considerar-se “desculpada”. A irreverência é grande, mas a ternura e a graça também o são.

Luís Mendonça